

## **PLANEJAMENTO EDUCACIONAL NA ESCOLA INDÍGENA: A VISÃO DO PROFESSORADO POTIGUARA**

Laura Nahyara Brito Santiago Mota (FIP)<sup>1</sup>

André Augusto Diniz Lira (UFCG)<sup>2</sup>

Dayena Medeiros Lira (E.E.E.F.M. São Sebastião)<sup>3</sup>

### **Resumo**

O ingresso do professorado indígena na educação escolar é ainda bastante recente, considerando o amplo cenário histórico do uso da escola com fins de colonização-dominação. Este trabalho analisa a percepção sobre o planejamento educacional de professores indígenas da etnia potiguara, atuantes na educação básica, na região geo-administrativa de Mamanguape. Participaram da pesquisa 42 sujeitos que frequentavam um curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFCG. Lançamos mão da Técnica de Livre Associação de Palavras, do Questionário e de observação livre da elaboração de planos de aula de grupos de alunos. Os dados foram analisados pela estatística descritiva, pela análise de conteúdo e de campos semânticos. Observou-se a existência de uma concepção positiva de planejamento educacional, mas as práticas do planejamento ainda não são frequentes, principalmente por parte da coordenação e direção das escolas. O livro didático se apresenta com um recurso bastante útil para a realização do planejamento, apesar das críticas quanto ao distanciamento da realidade escolar do aluno. O movimento de afirmação identitária na valorização da cultura potiguara é central nos discursos sobre o planejamento educacional. Os resultados apontam para a necessidade de que sejam realizadas pesquisas a partir de uma abordagem mais etnográfica das práticas no âmbito das escolas.

Palavras-chave: Planejamento educacional. Indígenas. Professores.

---

<sup>1</sup> Especializanda em Psicopedagogia pela FIP. Professora da Escola Motiva Ambiental

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela UFRN. Professor da Unidade Acadêmica de Educação da UFCG.

<sup>3</sup> Mestre em Linguagem e Ensino pela UFCG. Professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São Sebastião.

### **Abstract**

*The entry of indigenous teachers in school education is still fairly recent, considering the broad historical background of the use of the school for purposes of colonization and domination. This study examines the perceptions of the educational planning of indigenous basic education teachers of the Potiguara ethnicity, on the region of Mamanguape. 42 subjects participated in the study who attended a course in Intercultural Indigenous Bachelor of UFCG. We employed the Technique of Free Association of Words, Questionnaire and observation of groups of students preparing lesson plans. Data were analyzed using descriptive statistics, content analysis and semantic fields. It was observed the existence of a positive conception of educational planning, but the practices of planning are not frequent, mainly by the coordination and direction of the schools. The textbook presents a useful resource for the achievement of planning, despite criticism about the distance of the school student's reality. The movement of identity affirmation in valuing of Potiguara culture is central in discourses on educational planning. The results point to the need for research to be conducted from a more ethnographic approach to practices within schools.*

*Keywords: Educational planning. Indigenous. Teachers.*

### **Introdução**

O planejamento educacional inclui uma série de ações que repercutem ou deveriam repercutir em todas as esferas da escola e, por conseguinte, na sociedade. A contextualização efetiva para a realidade do alunado faz parte dessa árdua tarefa de fazer pontes entre a proposta educativa proposta e a sua materialização. O planejamento diz respeito também a ideais a serem perseguidos e se consubstancia em tempos, em estratégias, em projetos de sociedade, em percalços múltiplos.

A escola na realidade indígena foi, por séculos, parceira da dominação colonizadora-branca. O ingresso de indígenas na carreira docente é ainda recente, tendo o movimento indígena e indigenista um grande papel nesse sentido, em especial desde a década de 1980 (Silva, 2001).

Procuramos, nesta pesquisa, analisar como professores formandos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFCG, da etnia potiguara, compreendem e se utilizam do planejamento educacional.

## Metodologia

Participaram dessa pesquisa 42 graduandos, indígenas da etnia potiguara, do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFCG. Todos eles são professores da Educação Básica, atuando na Região Geoadministrativa de Mamanguape, no estado da Paraíba.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), o Questionário e uma observação de grupos na elaboração de planejamentos de aula. A TALP foi integrada ao questionário; solicitava-se que escrevessem as palavras que vinham à mente quanto à expressão *Planejamento Educacional*. Todos os participantes da pesquisa já tinham conhecimento da TALP, uma vez que participaram de outras pesquisas com a técnica. Não obstante, alguns sujeitos, mesmo tendo sido solicitados que escrevessem apenas palavras, produziram frases procurando articular um sentido para a expressão-estímulo. O questionário continha questões abertas e fechadas. O observação serviu para verificar como os indivíduos se deparavam com a tarefa de objetivar em um plano de aula uma determinada sequência didática solicitada em uma das disciplinas do curso<sup>4</sup>.

A análise dos dados foi realizada de acordo com o tipo de material levantado. Para as questões objetivas, foi utilizada a análise estatística descritiva. Utilizamos a Análise de Conteúdo, na perspectiva de Franco (2005), para a análise da TALP, tendo como unidade de análise a *palavra*. Nos casos em que foram escritas frases e não palavras isoladas, procedemos em uma redução das frases em palavras-chave. Para a análise das questões abertas do questionário, foi utilizada a unidade de registro *tema*. O *tema* é uma determinada asserção sobre um conteúdo (uma frase ou várias delas)

---

<sup>4</sup> Toda essa discussão e levantamento de dados serviu como ponto de partida para o desenvolvimento posterior de uma série de atividades formativas no âmbito da disciplina Didática na Educação Indígena em que o segundo autor foi professor-formador. Utilizamos, portanto, do que se convencionou chamar de “Educar pela pesquisa” (cf. DEMO, 1991).



apontado para um mesmo significado. Em todas essas análises, consideramos os critérios da exaustividade, homogeneidade e representatividade.

## Resultados

A partir da expressão-estímulo *avaliação educacional*, foram associadas 158 palavras das quais 108 palavras apresentaram uma frequência maior que 2. Essas palavras foram agregadas em 20 categorias semânticas. Entre as categorias que mais se destacaram, por ordem de ocorrência, temos: organização (n=13 ocorrências), trabalho compartilhado (n=12), conteúdos (n=9) tempo (n=6) e avaliação (n=6). A categoria *trabalho compartilhado* inclui palavras como: partilha, compartilhar, planejamento participativo. Essas 20 categorias foram agregadas em três diferentes *campos semânticos*: os *objetos* do planejamento educacional, os *requisitos necessários* e os *benefícios*.

**QUADRO 1: Campos semânticos associados ao planejamento educacional por categorias e número de ocorrências**

<b>Objetos do planejamento</b>	<b>Requisitos</b>	<b>Resultados</b>
Organização (13)	Trabalho compartilhado (12)	Boa aula (5)
Conteúdos (9)	Como fazer (6)	Melhoria (5)
Tempo (8)	Competência (4)	Facilitar (3)
Avaliação (6)	Compromisso (4)	Qualidade (3)
Aula (5)	Flexibilidade (4)	
Atividades (4)	Pesquisa (4)	
Metodologia (3)	Estratégias (3)	
Conhecimento (3)		
Ensino (3)		



s *objetos* do planejamento educacional são os focos em que o trabalho docente recai a atenção, podendo ser entendidos como os elementos fundantes do planejamento pedagógico. Os *requisitos necessários* são elementos cognitivos e morais, implicando a dimensão pessoal e social do planejamento, e inclusive o princípio da coletividade, da partilha; enfim do planejamento participativo. A valorização dessa dimensão da coletividade vai ao encontro da cultura potiguara, que, como uma cultura de confronto, encontra no grupo de pertença o sentido para a construção identitária, opondo-se, em muitos sentidos, à cultura do branco-colonizador-dominador. Os *benefícios* do planejamento são os resultados que podem advir de um planejamento bem efetivado: a boa aula, a melhoria da educação e a facilitação dos processos em curso.

Esses campos semânticos apontam para uma compreensão bastante positiva do planejamento educacional, uma representação de que o planejamento é fundamental para a efetivação do trabalho escolar. Isso também foi confirmado por ocasião de uma discussão coletiva após a aplicação do questionário.

Vale salientar que entre todas as 158 palavras associadas apenas 1 (uma) se direcionou para um sentido negativo, a palavra *dificuldade*. Até mesmo o sujeito que associou a palavra *erro*, também associou juntamente ao planejamento educacional o *acerto* e a *boa aula*. O sentido de *erro*, por si mesmo, parece não se referir a negatividade, mas a perspectiva do planejamento vinculado a noção de avaliação: *erro-acerto, boa aula*.

É importante destacar que apesar de toda a positividade a respeito do planejamento educacional, [que inclusive pode gerar: a *boa aula*, as *melhorias*, a *qualidade*], o cotidiano escolar parece muito distante do planejamento. A opinião mais frequente é que há pouco tempo dedicado ao planejamento nas escolas por parte da deliberação da coordenação e da direção das escolas. De fato, como se observa, no

quadro abaixo, 39% afirmam que o tempo é pouquíssimo para o planejamento e 48,8% afirmam o tempo dedicado é pouco. É forte a crítica quanto à desconsideração que há nas escolas quanto a essa faceta importante do trabalho escolar, confirmado também nas falas espontâneas dos sujeitos. Contudo, apesar da crítica ser forte para com a coordenação pedagógica e direção das escolas, 78% dos sujeitos também afirmam que dedicam pouco tempo (73,2%) ao planejamento ou mesmo nenhum tempo (4,9%). As tabelas 1 e 2 ilustram os resultados quanto ao tempo dedicado ao planejamento educacional.

**TABELA 1: Tempo dedicado ao planejamento proposto pela coordenação/direção da escola**

<b>Categorias</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>	<b>% Válido</b>	<b>% acumul.</b>
Nenhum tempo	2	4,8	4,9	4,9
Pouquíssimo tempo	16	38,1	39	43,9
Pouco tempo	20	47,6	48,8	92,7
Muito Tempo	2	4,8	4,9	97,6
A maior parte do tempo	1	2,4	2,4	100
Total	41	97,6	100	
Dados perdidos	1	2,4		
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100</b>		

**TABELA 2: Tempo de planejamento pessoal para as aulas**

<b>Categorias</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>	<b>% Válido</b>	<b>% acumul.</b>
Nenhum tempo	2	4,8	4,9	4,9
Pouco tempo	30	71,4	73,2	78
Muito Tempo	6	14,3	14,6	92,7
A maior parte do tempo	3	7,1	7,3	100
Total	41	97,6	100	
Dados perdidos	1	2,4		
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100</b>		

De acordo com participantes da pesquisa, para 71,4% dos participantes da pesquisa os planos de aula são realizados em apontamentos em cadernos, agendas ou diários; 2,4% fazem documentos digitados, enquanto 26,2% formalizam em um documento bem claro e entendível que, na opinião desses, qualquer pessoa poderia ler.

Ao ter em vista o acompanhamento de grupos em momentos de elaboração de planos de aula, verificamos que esses professores tinham muita dificuldade de objetivar os seus pensamentos, colocando em sequencia lógica as ações a serem realizadas. A dificuldade de compreender as unidades de conteúdo mais amplas eram ainda mais problemáticas.

Pela confrontação de outros resultados da pesquisa, temos um grupo de aproximadamente 20 a 25% dos sujeitos que possuem mais habilidades de planejamento, que formalizam mais seus planos e que, em geral, são professores de escolas consideradas como modelos de educação indígena. A dificuldade da maioria dos participantes da pesquisa se deve, em grande medida, a dificuldade de escrita, de tentar explicitar e objetivar para o outro o que realizam ou poderiam realizar em sala de aula, mediante um documento escrito.

A efetivação dos planejamentos, mesmo que não formalizados em documentos, dá-se, em geral, na opinião dos sujeitos satisfatoriamente na medida em que uma boa parte do plano ou mesmo a maior parte é efetivada, como ilustra a tabela abaixo.

**TABELA 3: Grau de efetivação do planejamento**

<b>Categorias</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>	<b>% Válido</b>	<b>Cumul %</b>
Uma pequena parte do plano	4	9,5	9,5	9,5
Uma boa parte do plano	24	57,1	57,1	66,7
A maior parte do plano	13	31	31	97,6
Plena	1	2,4	2,4	100
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	

Perguntamos também sobre o grau de autonomia para o planejamento educacional, a maioria se sente totalmente autônomo (16,7%) ou com muita autonomia (26,2%), mas uma parte maior depende muito dos livros didáticos (31%) ou mesmo dos livros juntamente com as decisões da escola (19%).

**TABELA 4: Autonomia para a realização do planejamento educacional**

<b>Categorias</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>	<b>% Válido</b>	<b>Cumul %</b>
Totalmente Autônomo	7	16,7	16,7	16,7
Tenho muita autonomia	11	26,2	26,2	42,9
Dependo das decisões da escola	3	7,1	7,1	50
Dependo muito dos livros didáticos	13	31	31	81
Dependo muito das decisões da escola e dos livros didáticos	8	19	19	100
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	

Nesse sentido, procuramos conhecer qual a representação que tinham do livro didático como instrumento de planejamento. Categorizamos as respostas através da análise de conteúdo temática. Foram três as abordagens quanto ao livro didático. Para 47,62% dos sujeitos o livro é um *recurso limitado*, considerando sobretudo a realidade indígena e o cotidiano dos alunos, ainda que possa ser ainda muito utilizado, principalmente atentando-se para os de melhor qualidade. Essa crítica do distanciamento é corrente entre esses sujeitos, exemplificando: “muitos dos conteúdos são completamente fora da realidade, daquela realidade vivida pela maioria dos alunos e busco outras alternativas” (S36, GLA, 6 anos de experiência); “Muito utilizado, porém tem que ser avaliado por nós professores e adequar a nossa realidade, pois, na maioria



das vezes, fogem muito das nossas práticas de ensino e pesquisas” (S39, DSMN, 4 anos de experiência). Para 33,33% dos participantes da pesquisa *o livro didático é uma fonte fundamental para o planejamento do conteúdo*: “Que contribui, é uma fonte onde pesquiso e me auxilia em meus planos de aula é um referencial.” (S38, DLS, 8 anos de experiência). Já 19,05% o compreende que *o livro é um recurso entre outros*.

De todo modo, há uma caracterização bastante positiva do livro didático como fonte de ajuda para o planejamento das aulas, como um recurso que deve ser cotejado com outros elementos para a efetivação das aulas. Não obstante, há também que negue o totalmente o seu uso. Vale salientar que os sujeitos que mais valorizam o livro como fonte principal do planejamento constituía um grupo menos experiente no magistério (com menos de nove anos de carreira docente).

### **Considerações finais**

O planejamento educacional é tido como um elemento crucial para a qualidade do ensino. No entanto, o planejamento parece ser algo muito distante da maioria dos sujeitos e das escolas em que trabalham. Na verdade, para a realidade indígena a escola historicamente é ainda uma instituição nova enquanto lócus de atividade profissional. Contudo, é possível vislumbrar um conjunto de ações identitárias por parte dos potiguara que procuram desconstruir e redescobrir essa instituição tal como lhe foi imposta para servir aos seus próprios interesses/objetivos.

O livro didático tornou-se um aliado na contribuição que presta para o planejamento das aulas nas escolas indígenas, mas também é conceptualizado



criticamente, na medida em que é produto do olhar e da imposição do branco-colonizador e, como tal, é necessário ampliar a leitura dos povos historicamente excluídos e silenciados.

A recuperação da tradição indígena por meio de atividades culturais amplas nas escolas servem como movimento de resistência e afirmação. Ainda há muito para se conhecer dos meandros dessas práticas. Pesquisas de cunho mais etnográfico nas escolas podem ser de grande valia para o aprofundamento desses resultados.

### **Referências**

- SILVA, Aracy Lopes da. Uma “Antropologia da Educação” no Brasil? Reflexões a partir da escolarização indígena. In: \_\_\_\_\_.; FERREIRA, Mariana Kawal Leal (Org.). **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo: Global, 2001b. p. 29-43.
- DEMO, Pedro. **A pesquisa: princípio educativo**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.